

## Editorial: A produção animal ... em economia de mercado

Por: João Simões ([jsimoes@veterinaria.com.pt](mailto:jsimoes@veterinaria.com.pt))

Em economia de mercado, a sustentabilidade da produção animal depende não somente da quantidade de produtos que se vendem a determinado preço médio (a lei da oferta e da procura em regime de concorrência “sã”). A estes proventos terão de ser subtraídos os custos de produção. Em explorações intensivas, o alimento concentrado (em nutrientes e energia), ou as suas matérias-primas, são responsáveis pela maior fatia dos encargos. Atualmente, os seus preços variam na ordem dos 350 a 500 euros por tonelada. Esta variação depende de vários fatores como a espécie animal, o tipo e fase de produção e ainda os inerentes à “qualidade intrínseca das matérias-primas”. A isto, devemos acrescentar a bem conhecida variação do preço das matérias-primas e fatores especulativos. No entanto, existem outros custos não negligenciáveis, como por exemplo o preço dos animais de reposição e o seu *status* genético, a mão-de-obra, a electricidade/fontes de calor/arrefecimento, e os custos de saúde, nos quais se incluem as mortes, refugos por motivos sanitários (ou mesmo zootécnicos) e despesas com medicamentos e honorários veterinários. Não devemos esquecer a minimização do impacto da produção no ambiente e ainda as contribuições sociais e os impostos devidos.

Assim, numa exploração de bovinos leiteiros com uma produção média acima dos 30 litros de leite por dia/vaca, cada animal consome aproximadamente entre 12 a 14 Kg de alimento concentrado. Com preço base do leite a 30 cêntimos, facilmente se percebe a dificuldade em obter margem de manobra financeira mesmo que tentando otimizar a gestão e os recursos nas explorações de maior dimensão. Nas de menor dimensão, inverte-se a situação que ocorria há cerca de 2 décadas atrás, quando se procuravam avidamente melhorias genéticas dos efetivos: Se por cada 2 Kg de alimento concentrado obtivéssemos um litro de leite, aquela quantidade deveria ser suplementada... Por enquanto, continuamos auto-suficientes (em Portugal) na produção deste bem essencial cuja produção ainda obedece à imposição de quotas leiteiras europeias.

Nos frangos de carne, pretende-se um índice de conversão na ordem de 1.6 a 1.7, sendo o rendimento de carcaça ao abate de 65-67-70%. Cada Kg de carne (de tom amarelo...) de frango ronda os 1,70 euros ao consumidor. Não devemos esquecer que este tipo de carne branca é uma das fontes mais baratas de proteína animal para alimentação humana, o que combina (menos mal) com momentos de crise económica /social como a atualmente vivida. A maioria desta carne ainda provém de instalações tradicionais (Fig. 1).

Na produção de carne de coelho, os índices de conversão globais andam na ordem dos 3.5. As taxas de renovação do efectivo é de 120% ao ano, com cada coelha de reposição a custar entre 7 (fêmeas de 1 dia de idade) a 12 euros (fêmeas com 10 a 12 semanas de idade). Num ano de produção cada matriz deve ser responsável por 65 a 70 láparos de engorda vendidos. O preço de venda do produtor ronda os 2 euros por kg de peso vivo.



**Fig. 1- Instalações tradicionais na criação de frangos de engorda.**

Se refletirmos nestes números, poderemos ter uma noção aproximada das optimizações necessárias ao controlo dos factores de produção – o rumo a seguir! Mas não devemos olvidar a real sustentabilidade de cada sistema produção.

Resta ainda perceber o custo das instalações e da sua amortização, não esquecendo a vertente bancária (juros e comissões) e ainda as ajudas comunitárias para o seu estabelecimento. Mas estes aspetos poderão ficar para outro editorial.